

GAZETA MEDICA DA BAHIA

Vol. XLVIII

MARÇO - 1917

N. 9

O ruído de pião

RUIDO ARTERIAL OU VENOSO?

Pelo Prof. Martagão Gesteira

Atirada a quase completo olvido, apóz a ultima tentativa de Bergé para revalidal-a, a velha doutrina de Laennec, da origem arterial do *ruído de pião* ou de *piorra* (*bruit de diable*) vem agora novamente posta em foco e desta vèz sob o patrocínio de um dos mais cultos e vigorosos talentos da nossa Faculdade.

A observação attenta, porém, de todos os casos que de certo tempo para cá nos tem caído sob as vistas, nos vae dia a dia reforçando a crença de que é de inteiro acerto o pensar quase unanime de quantos sobre o assumpto se têm externado, todos elles partidos da doutrina venosa, e dos quaes apontamos, para só fallar dos mais eminentes, entre os nossos Miguel Couto e Rocha Vaz e, dentre os d'alem mar, Eicchorst, Castellino, Krause, Spehl e innumerós outros.

E como acreditamos que a convicção identica chegará quem quer que, sem sugestões e com plena liberdade de opinião, se queira dar ao trabalho de observar os factos, uns já conhecidos e outros que suppomos agora pela primeira vez apontados, e que pleiteam em favor da doutrina venosa, aqui vamos dar delles uma rapida resenha, esperando que sobre

a questão se externem outros a quem o assumpto possa interessar.

Começamos por fazer notar que até hoje nenhum dos que se têm batido pela doutrina arterial, levantou contra a venosa uma só objecção de valôr, não passando de argumentos de mera probabilidade as allegações contra ella até agora feitas.

Não contestam os arterialistas que a doutrina venosa dê, dos caracteres mais assignalaveis do *ruído de pião*, uma explicação capaz de satisfazer o espirito mais exigente: esforçam-se apenas por demonstrar que a theoria arterial, tão bem quanto a outra aquelles caracteres explica. Ora, isto é o que justamente ella não consegue bem, como veremos passando em revista esses caracteres e pondo para cada um delles em parallelo as explicações pelas duas doutrinas aventadas. E assim vejamos:

a) *O ruído de piorra é continuo.* Não negam os arterialistas, que, sendo continua, a corrente venosa explica satisfactoriamente a continuidade do sopro no phenomeno ora em discussão. Convem, entretanto, deixemos assignalado que Berge nega essa continuidade da corrente venosa, que segundo elle vem sustada a cada vez que o ventriculo se contrae. Inutil insistir sobre o erro de Berge, quando é exactamente durante a systole ventricular, que, no sentir unanime dos phisiologistas e como inludivelmente o demonstra o methodo graphico (*vid. Morat e Doyon, Trait. de physiologie T. III Pag. 226*), que mais se accelera o curso do sangue nas veias por aspiração exercida graças ao abaixamento da base dos ventriculos, o que

amplia a cavidade auricular, aspiração que segundo Morat e Doyon se exerce sobretudo pelo ventriculo direito *sobre o sangue das veias cavas.*

Argumentam, porém, os arterialistas, invocando a classica experiencia de Marey, que a circulação arterial tambem é continua e como tal capaz de engendrar um sopro continuo.

Não ha a contestar e nem eu o pretendo, a continuidade da torrente sanguinea no interior das arterias. Mas tambem não ha a contestar e nem os arterialistas o poderiam pretender, que, embora continuo, o defluxo do sangue nas arterias não é uniforme, offerecendo recrescimento isochronos com a systole ventricular, recrescimentos que são tanto mais accusados quanto mais volumosa a arteria e mais visinha do coração, não parecendo que no intervallo delles tenha a corrente acceleração bastante para engendrar um sopro. É assim se explica porque os sopros arteriaes são sempre intermitentes, quer se processem no interior de uma arteria dilatada, no bojo de um sacco aneurysmatico, quer se formem ao nivel de um vazo comprimido pelo estethoscopio ou por um tumor da visinhança, um caso havendo apenas em que o sopro se mostra continuo com reforços systolicos e esse é o dos aneurysmas arterio-venosos, nos quaes o elemento venoso é possível não seja de todo extranho a tal particularidade do ruido.

Razão, pois, não vemos para que somente na carotida, arteria vizinha do coração e na qual por isso mesmo devem ser e de facto o são, mais accusadas as

acelerações systolicas da torrente arterial, ha de ser o sopro continuo.

Responder a isso invocando nos casos de *piorra* a extrema dyscrasia sanguinea por ventura responsavel pela continuidade do ruido, seria ir de encontro á objecção que immediatamente nos acudiria de que, se fôra assim, deveria tambem ser continuo o sopro dos aneurysmas nos anemicos, o que não nos consta tenha sido assignalado. E nem se diga que o facto, possivelmente existente, tenha passado até agora despercebido pela só circumstancia de não ter sido assignalado, que isso é pouco de crêr, pois, dada a frequencia entre nós dos aneurysmas e da ancylostomose, si o phenomeno existisse certo não teria passado sem reparos.

b) *O ruido de piorra reforça-se durante a inspiração.*
Ainda aqui não poderiam os partidarios da doutrina arterial negar quanto é facil aos da origem venojugular explicar o facto pelo recrescer da velocidade sanguinea no interior das jugulares, mercê da aspiração thoracica determinada pelo acto inspiratorio. Contra tal explicativa nada têm a objectar, contentando-se em affirmar a possibilidade de explicar tambem esse character do *ruido de pião* pela aceleração dos batimentos cardiacos coincidentes com a inspiração.

Neste ponto de modo algum nos pode satisfazer a doutrina arterial, pois não logramos comprehender como é que a aceleração inspiratoria da circulação se ha de traduzir, no phenomeno da *piorra*, por um augmento na intensidade do ruido ao envez de fazelo por uma alteração do rythmo deste. Argumentariam

talvez que os reforços do ruído correspondentes a cada revolução cardíaca sommam-se durante o acto inspiratorio, graças á extrema aceleração circulatoria nesse momento, e dahi um ruído mais intenso. Mas para concordar com isso, o que não nos parece provavel, seria preciso admittir fosse a regra, nos individuos que têm *piorra*, essa aceleração extrema dos batimentos cardíacos e em tal caso a frequencia dessa forma de arrhythmia sinusal nos anemicos não teria passado despercebida.

c) *O ruído de piorra se ouve melhor á direita do que á esquerda.* O facto é aqui perfeitamente explicado pelos venosistas mercê da differença de direcção das duas veias jugulares internas direita e esquerda, sendo que aquella tem uma direcção menos obliqua do que esta; donde resulta que nella ha de o defluxo do sangue ser mais facil e impetuoso. A isso acrescentamos nós o facto de ser o bolbo veno-jugular mais volumoso e superficial á direita do que a esquerda, como se pode bem ver em qualquer gravura dos tratados de anatomia.

Em difficuldade os arterialistas para explicarem essa frisante particularidade do *ruído de pião*, acodellhes o eminente Prof. Prado Valladares, de cujo luminoso talento e profunda cultura medica confessamo-nos admirador sincero, com uma nova hypothese sobre a genese do sopro, que para elle resultaria da scisão da corrente sanguinea ao nível da bifurcação do tronco arterial brachiocephalico, explicativa essa que ao meo ver, longe de amparar a doutrina arterial, pleitea francamente contra ella.

De facto si para explicar os caracteres do *ruido de pião* têm os arterialistas necessidade de se valérem desse recurso lembrado pelo meo preclaro collega, si outro meio não tem elles para explical-os e parece que em verdade não têm, então para logo podem regeitar a doutrina que sustentam, pois que a hypothese invocada para tiral-os das aperturas é em verdade bém pouco acceptavel. É que, a ter de abrir mão desse recurso, não sei como poderão os arterialistas arranjar uma explicação para esse de que agora tratamos e outros caracteres do *ruido de piorra*.

A hypothese do sopro engendrar-se no tronco arterial brachio-cephalico é inacceptavel, pois a ser ella verdadeira só deveria haver *piorra* á direita, pois só desse lado ha tronco arterial brachio-cephalico.

Ora a regra é que o ruido se perceba dos dois lados, embora mais intenso á direita, sendo absolutamente excepcional o caso e nos não deparamos por enquanto um siquer, em que o phenomeno cuidadosamente pesquisado á esquerda não se fizesse percebido.

Essa constancia da bilateralidade do phenomeno, não permittindo invocar para explical-a a existencia de anomalias anatomicas que não se comprehende sejam assim tão frequentes, só restará aos que accétem a hypothese do eminente collega o recurso de considerar a *piorra* esquerda como uma propagação, por intermédio da trachia, do ruido á direita engendrado. Mas a isso objectaremos que não é somente o sopro e sim tambem, como a miude verificamos nos casos de *piorra* intensa; o fremito que á esquerda

se sente e tanto um como outro em uma área estreita, correspondente á situação da jugular o que arreda a idéia de serem phenomenos propagados, que si o fossem na larga zona correspondente á trachéa se fariam percebidos.

E o que decisivamente exclue toda a idéia de propagação é que o sopro e o fremito *persistem á esquerda, mesmo quando pela compressão si os faz cessar á direita, como adeante veremos.*

d) *O ruído de pião é mais intenso estando o paciente de pé do que quando deitado.* De pé o paciente a gravidade ajuda á circulação nas jugulares e dahi o defluxo mais impetuoso do sangue e o ruído mais intenso: é aqui em extremo clara e racional a explicação dos venosistas. Á sua diaphaneidade não seria justo oppôr a explicação um tanto obscura de que de pé ha de ser mais forte o embate do sangue contra o angulo de bifurcação do tronco arterial brachio-cephalico, facto de cujas razões não logramos segura comprehensão, dado que nos parece ser em decubitus que o choque deveria ser mais intenso, uma vez que nessa posição é mais elevada a tensão arterial e nella não tem a onda sanguínea contra si a acção da gravidade. Demais já vimos que essa genese da piorra ao nível exclusivamente do tronco arterial brachio-cephalico é cousa de todo inadmissivel, o que incrementa a difficuldade dos arterialistas para a explicativa de mais esse character do *ruído de pião*, que é o seu reforço na posição erecta.

Finalmente faremos notar que, como Ficchorst assignala e mais duma vez verificamos, posto o doente

em decubitus dorsal e com a cabeça inclinada para baixo (melhor ainda em posição de Tredelembourg) cessa por completo o phenomeno, circumstancia facil de explicar aos venosistas, que nella vêm a consequencia da estase provocada pela posição declive, mas em extremo difficil aos partidarios da doutrina arterial.

E ahí ficam, postas em coneforto, as explicações dadas ás particularidades do *ruido de pião* pelos venosistas e arterialistas, donde claro se infere que os ultimos mais do que os primeiros precisam do apoio de «malabarismos dialecticos.»

Porque então preferir a doutrina arterial?

Allegam os arterialistas que é mais provavel se engendre a *piorra* ao nível das arterias por duas razões: 1.º Porque a velocidade sanguinea é maior nas arterias do que nas veias; 2.º Porque o sangue arterial tem menor viscosidade do que o venoso e desse modo é mais apto á producção da columna fluida de Savart determinante do sopro.

É preciso, porém, confessar que esses são apenas argumentos de mera probabilidade e nunca poderiam constituir verdadeiras objecções contra a doutrina venosa.

De facto, dizer que a corrente sanguinea é mais veloz nas arterias do que nas veias não é provar que nas veias não seja ella bastante para engendrar um sopro, pois si é verdade que nas veias arredias do coração é a marcha do sangue tão lenta que não se concebe possa engendrar um phenomeno sonoro, menos verdade não é tambem que nas veias jugulares, troncos

volúmosos e vizinhos do coração, nos quaes múltiplos factores acceleram o defluxo, a velocidade, que Foster estima em 200 m. m. por segundo (!), é sobeja para provocar um sopro e um sopro forte.

Quanto á differença de viscosidade entre o sangue arterial e o venoso, constitue ella um argumento de tão pequena monta, que quase não merece considerado, uma vez que sendo pequena essa differença não se comprehende que, baixando a crase sanguínea nas arterias ao ponto de permittir a formação de um sopro, não tenha ella descido tambem, nas veias do mesmo paciente, a um grau bastante para a producção de igual phenomeno.

De toda a argumentação de que se possam valer os arterialistas apenas uma merece ponderado exame: é essa, assignalada pelo douto Prof. Valladares, de que o fremito ou *thrill* verificado nos casos de *piorra*, parece ter a direcção da corrente arterial, donde concluir que elle se passa na carotida e portanto arterial deva ser tambem o sopro do qual elle representa a expressão palpatoria.

A isso faremos notar que temos sempre attentamente pesquisado o fremito, nas casos de *piorra* por nós observados, no intuito de surprehendemos a direcção em que se sente esse *correr de areia* na phase do doutissimo Prof. Miguel Couto, tendo a impressão de que se faz precisa uma grande finura de tacto para poder dizer com segurança, o que nem sempre é possível, em que direcção se sente o phenomeno. Casos existem e confessamos que estes

são os mais frequentes, nos quaes se tem a impressão de ser ascendente a corrente do fremito, outros em que a impressão é inversa e numerosos aquelles nos quaes se torna difficil, mesmo impossivel, um pronounciamento a respeito.

Vae isso, parece-nos, do modo de fazer a apalpação e do ponto em que ella se realiza. Assim, temos visto pesquisar o phenomeno pondo as polpas dos 4 dedos em linha, na direcção do trajecto vascular, e conciliar pelo sentido ascendente do fremito, partindo do facto de si o sentir mais forte nos dedos inferiormente situados; modo defeituosissimo de explorar e interpretar, pois ascendente ou descendente que seja o sentido da corrente, ha de ser sempre nos dedos inferiormente situados a maior intensidade da percepção, pois, arterial ou venoso que seja o phenomeno, é na porção inferior que elle se produz mais forte. Si se faz a apalpação do fremito na porção inferior, vizinha á clavicula e sobretudo si se exerce uma certa pressão, o que instinctivamente se faz quando se procura agarrar a direcção do fremito, tem-se quase sempre a impressão de ser ella ascendente, impressão que ao nosso ver é illusoria originada do bater da arteria sob o dedo e por detraz da veia em que o fremito se processa.

Apalpando-se levemente, sem pressão e sobretudo um pouco para cima, onde os batimentos da arteria são menos violentamente percebidos, torna-se difficil precisar o sentido da corrente, tendo-se potem uma impressão, agora clara, segura, «inilludível», mas exactamente inversa á precedente, si se recorre para a

exploração ao artificio seguinte: Colloca-se a polpa digital de um só dedo em ponto circumscripto e um pouco acima de clavícula, mais ou menos no vertice do angulo formado pelos dois ramos do esterno-cleido mastoideo, e com a outra mão interrompe-se a piorra, comprimindo-se sobre a parte alta do mesmo musculo; isto feito, relaxa-se de quando em quando a compressão e sob o dedo situado inferiormente sente-se então nitidamente passar a onda do fremito de *cima para baixo*, impressão tão clara que sobre ella immediatamente e com segurança se pronunciavam todos aquelles que faziam experiencia e mesmo dentre elles os que, pesquiando o phenomeno do outro modo e na vizinhança da clavícula, se haviam pronunciado pela direcção ascendente e por signal alguns delles arterialistas *enragés!*

A direcção ascendente do *thrill* pesquisado junto á clavícula, é pois um erro de percepção provocado pelos batimentos da arteria, sendo preciso a demais não esquecer que a arteria comprimida dará sopro e fremito que não devem ser confundidos com os mesmos phenomenos dependentes da *piorra*; e desse modo não constitue tal direcção um argumento bastante para invalidar a doutrina arterial, em favor da qual pleitea factó outro e este de percepção facil, grosseira, a dispensar as subtilizas de tacto, que o outro exige para bem apreciado.

Este factó a que agora alludo consiste nas modificações trazidos ao sopro e ao fremito da *piorra* pela compressão exercida sobre a parte alta do esterno-cleido mastoideo, compressão que faz cessar immédia-

tamente os phenomenos, mas só do lado em que ella é feita, persistindo do outro o sopro e o fremito, circumstancia essa que exclue, já o dissemos, a ideia de propagação de um lado para o outro.

Argumentam arterialistas que a cessação da piorra por compressão alta sobre o trajecto dos grossos vasos cervicaes não exclue a origem arterial, desde que comprimindo a carotida *na parte alta, cessa na parte inferior* (1) o curso do sangue e pois não haverá mais, na bifurcação do tronco arterial brachio-cephalico, o divorcio da onda sanguinea responsavel pelo *ruído de pião*.

A tal argumento, em demasia especioso, respondemos com o factó indiscutivel e já assignalado por Eichorst, de que não é necessario, para que cesse o ruído, uma compressão forte capaz de embaraçar o curso da carotida, bastando que se exerça uma *pressão muito leve que decerto somente sobre a veia se fará sentir*.

Algumas pessoas nos têm affirmado que ao envez disso si faz mistér uma compressão forte, capaz de sustar o curso da carotida e provocar até hypothimias, para que se deixe de ouvir a *piorra*. Mas é aqui um outro erro de exploração, que fôra feita com um esthetoscopio rigido, com o qual instinctivamente á *medida que o ruído enfraquece, se vai exercendo pressão para ouvir melhor e chega-se assim a cumprimir com o instrumento a carotida e desse modo a ouvir o sopro carotidiano de compressão, que só si extinguirá quando se fizer no*

alto, por compressão forte, parar o curso da carotida. (*)

A escuta deverá ser feita com um pequeno estethoscópio biauricular, levemente posto sobre a séde do ruído, como a apalpação deverá ser levemente feita. Desse modo pesquisados o sopro e o fremito, affirmamol-o e temos provado a muito arterialista, elles cessam por uma compressão leve, cuja acção somente sobre a jugular se faz sentida, compressão que exige da parte de quem a executa um certo treinamento, devendo-se exercel-a sobre a parte alta do musculo esternocleido, mas sem interessar o bordo anterior, para não incidir sobre a carotida.

É para que nenhũa duvida reste sobre o phenomeno, que suppunhamos pela primeira vez por nós assignalado, mas que posteriormente encontramos no tratado de Ricchorst, ahí temos a prova indiscutível, e essa agora acreditamos pela primeira vez verificada, da *persistencia das pulsações na arteria temporal, subsidiaria da carotida, durante a compressão ali-*

(*) É para se pôr ao abrigo dessa causa de erro que aconselhamos insistentemente a quem queira formar opinião nessa questão da piorra, de não estudal-a nos individuos que a tenham muito intensa, pois que em taes individuos a dyscrasia sangínea chega a um grau tal que a mais leve compressão sobre a arteria engendrará um sopro e um fremito, que se podem confundir com os phenomenos identicos dependentes da piorra. Isso si pode verificar bem exercendo uma certa compressão sobre a arteria femoral desses individuos. Devem-se preferir pois para o estudo do phenomeno nos individuos magros e com piorra pouco intensa.

didada e enquanto se conserva silenciosa à zona em que cessada a compressão de novo se fará ouvida a piorra.

É desse facto, que fizemos verificar innumeras vezes na nossa enfermaria por alumnos, assistentes e professores de clinica competentissimos, esperamos dar uma demonstração insophismavel em uma experiencia graphica que ideiamos e que deixará bem patente, a quem queira julgar os factos com sinceridade, que o *ruido de piorra* não é, como erroneamente o affirmou Laeúneq, o *canto das arterias*, mas sim o *canto das jugulares*.

Bahia, Março 917.

Faculdade de Medicina

(Conclusão)

Não nos esqueçamos de que não há uma só das riquezas pela natureza outorgadas ao homem, que não supponha, embora reduzida ao mínimo, uma certa quantidade de trabalho.

Num paiz de largas terras incultas, de populações mal distribuidas, alem de escassas, haverá funcção de maior utilidade pratica do que a de evitar a diminuição da productividade humana pela doença e de restringir as possibilidades da morte prematura e da invalidez?

Vivemos, agora como sempre, embalados na doce illusão da nossa immensa riqueza. Temos na terra mais formosa a riqueza maior do mundo inteiro. «Desde a

primeira linha que se escreveu no Brasil — a carta de Pero Vaz Caminha, — até hoje, que esta terra é louvada em todos os tons, como a mais bella, a mais rica». Essa riqueza é a fonte perennal do nosso orgulho. Louval-a, enaltecel-a é a lidima expressão de nosso patriotismo. Ella foi o movel dos movimentos mais ousados da nossa historia. Mas é tambem, infelizmente, a genetriz da nossa imprevidencia, e uma das causas principaes do nosso descaso, da nossa indolencia.

Homens que proclamais a nossa fortuna, que emprestais sempre cores brilhantes aos quadros do nosso futuro, que acenais ao nosso paiz o dominio da America, que chegastes ao excesso de lhe apontardes o dominio do mundo, descei um instante das nuvens do vosso sonho, não para cahir na musulmana inercia de um pessimismo, igualmente morbido, mas para attender a que em nossa terra, onde a devastação não annullou por completo a clemencia prodiga da natureza maternal, estão ainda inuteis, improficuos, imprestaveis, sob o solo intacto, ou na fecundidade da terra uberrima, desprezada, os soberbos recursos naturaes de que dispomos e que tanto tendes louvado.

Que triste impressão de abandono dão algumas das zonas do sertão do norte! Onde murmurava o caudal fecundante de largos rios, a destruição das matas, aggravando a fatalidade cyclica das seccas, vaé gerando os fios tenues de minusculos ribeiros. Em vez da luxuriante flora triumphal dos tropicos, esbracejando, multipha, numa luta cyclopica para a conquista da luz, o hervaçal rasteiro dos taboleiros e a vida aperreada de uma vegetação em eterno esforço por adaptar-se

às estiagens longas e destruidoras. Quando percorreres meus caros collegas, esses tractos extensísimos de terra inculta, onde não encontrareis um vestígio sequer da passagem actual ou longínqua do homem, vossa convicção se formará de que a utilização dos recursos do nosso solo é problema muito mais complexo do que se afigura á simplicidade bonacheirona do nosso optimismo.

Uma impressão desconsoladora nunca mais se apagará de minha memoria: a que senti quando pela primeira vez me deparei numa dessas regiões do nosso sertão, esmagado pelo silêncio profundo, aterrador, deprimente, quasi ia a dizer visível, que domina aquellas plagas estereis! Que desanimo se apossou de mim quando, por entre as curvas do caminho caprichoso, pude observar essa «flora maninha das catíngas que se revolve, estortega, rachítica, em estremeções de agonia sobre a terra ardente».

Ha outros scenarios menos tristes. A natureza do norte tambem é muitas vezes imponente. Mas nestes mesmos scenarios de força, de vida e de energia da natureza, falta quase sempre o homem como modificador do planeta.

Pensaram bem os que ligaram o futuro do nosso paiz á questão vital do povoamento. É' incontestavelmente a espinha dorsal de qualquer campanha verdadeiramente patriótica pelo futuro da nossa pátria.

É se assim é, releva confessar que a nenhuma profissão cabe papel mais importante no desenvolvimento do nosso paiz do que a medicina, poupando ás nossas populações já escassas o perigo de serem dizimadas pelas doenças.

Fala-se a todo instante dos sertões abandonados.

Uma nova crise de lyrismo apaixonou o paiz inteiro.

Nos tempos da Independencia, o nosso sentimentalismo fez do caboclo, do ingenuo e rude autochthone, o symbolo das nossas aspirações de liberdade; hoje, o sertanejo e o sertão constituem a razão de ser do nosso presente e do nosso futuro.

O sertão será o factor primacial do nosso poderio vindouro: nelle está o repositório de energias que terão de conquistar para as novas gerações os mais altos destinos da terra.

O interior do Brasil, somente bem conhecido pela maioria intellectual do paiz na arida nomenclatura dos mappas, ou soletrado titubeantemente pelos políticos militantes como fontes preciosas para a alchimia complicada da fraude eleitoral, é a preocupação de todos; para elle se dirigem todas as esperanças.

Ninguém se quer lembrar de que nenhum esforço logrará durabilidade, mantidas as condições actuaes de muitas das zonas sertanejas.

Reflectida, ponderadamente vos asseguro que o futuro do nosso paiz depende principalmente do esforço proficuo da nossa profissão. A esses malsinados, desprezados doutores, que nós somos, vae caber função de alta valia no nosso desenvolvimento.

Côrte a engenharia audaz galhardamente o torpor das paragens sertanejas com as linhas tonificantes das estradas; promovam estadistas meios prestadios ao adensamento de populações capazes de trabalho; prestigiem, facilitem, estimulem o aproveitamento das

riquezas naturaes; e tudo será ephemero, se não for precedido da acção do hygienista, saneando as vastas regiões inhospitas.

Como encher de vida sertões onde, mercê da morbilidade extrema, e torturada pelas fatalidades cosmicas, mal resiste a extraordinaria capacidade de adaptação e de luta do nosso sertanejo?

Ainda deve estar viva em vossa memoria a confissão tão leal quanto honrosa para todos os da nossa profissão, feita por um dos nossos mais illustres engenheiros, de que, não fôra a campanha sanitaria dirigida por um notavel bahiano, legitima gloria da sciencia brasileira, Arthur Neiva, e seria impossivel a realização de uma das mais importantes obras de engenharia de que se orgulha o paiz.

Há pouco, um collega eminente, o Prof. Miguel Pereira, deu na capital da Republica o alarma para uma campanha sagrada: o saneamento do sertão brasileiro. Abaterá nossa vaidade, deixará mal ferido o nosso patriotismo. Indiscutivelmente será o bem maior que poderemos fazer á nossa terra.

Quem conhecer grande parte das nossas populações sertanejas sob o jugo permanente e deteriorante de terriveis affecções parasitarias, de traiçoeiras doenças infliciosas; quem souber ver em muitos dos defeitos, assignalados no seu character, resquicios ou manifestações da influencia estiolante de agentes morbidos que lhe sugam as energias melhores, — não estranhará que se tenha dito, embora com exaggero (comprehensivel no abalo inicial da propaganda) que «o interior do Brasil é, em grande parte, um vasto hospital.»

Saibamos, sim, pensar e demonstrar pelos factos que tal insalubridade não depende de condições superiores ao esforço do homem; não é consequencia necessaria do clima, fatalidade contra a qual sómente poderíamos antepor a resistencia passiva da resignação e da inercia. Provemos, sim, que é devida a factores evitaveis e que assim desaparecerá no dia em que fôr uma realidade essa benemerita cruzada sanitaria.

Depois do exemplo do governo Rodrigues Alves, muitos dos responsaveis pelos poderes publicos dos Estados têm como ponto de honra sanear as estreitas faixas das costas habitadas. Exhortemo-los a applicarem as mesmas medidas salvadoras ás regiões que demoram no interior do continente.

O momento e a feição muito singela desta desprenciosa palestra derradeira, meus jovens collegas, não se compadece com um appelo. Mas não resisto ao desejo de pedir ao Excellentissimo Senhor Governador que escute benevolo essas ponderações, e assignale o dia desta solemnidade a que preside, pondo, em nome da Bahia, a primeira pedra para a magnifica obra do saneamento completo do Brasil.

Na alma do brasileiro ha muito do espirito cavalheiresco herdado do portuguez aventureiro. Revivamos, pois, um periodo aureo da nossa historia, e, como dantes, de cada ponto da costa marchem para a conquista dos sertões bravios, novas bandeiras, levando-lhes a civilisação com a hygiene!

A que esplendido futuro, então, poderemos aspirar? A energia de resistencia das populações sertanejas, taladas pela doença e pelo inclemente meio, vivendo

a existencia mais rudimentar e anti-hygienica possivel, é sorprendente. Euclides da Cunha, o inimitavel sertanista, escreveu com verdade que «o sertanejo é, antes de tudo, um forte», e com maior felicidade e precisão o assignalou como — «a rocha viva da nossa raça». Imaginai-o de futuro, depois de algumas gerações, liberto da acção deleteria dos males que o debilitam, ajudado de recursos capazes para a luta contra a natureza que o abate e dizei-me que povo forte não seremos!

Grande parte desta obra de verdadeiro patriotismo, da mais positiva utilidade social, caberá a nossa profissão.

Mas não deixemos o almo entusiasmo, que nos exalta na arrancada varonil em demanda de tão formoso sonho, turve as nossas faculdades de critica. Placidamente haremos de reconhecer os tropeços amudados, as difficuldades assíduas que pululam na generosa campanha.

Um delles sobretudo demanda o carinho de vosso cuidado e de vossa attenção.

O saneamento de toda a nossa terra concerne a muitos pontos ainda não estudados e esconde certamente problemas novos e complexos cuja investigação deverá ser o inicio da campanha.

De facto. Não há muito que Oswaldo Cruz nacionalizou verdadeiramente por completo a sciencia medica, estabelecendo o principio de que é no Brasil que se deve fazer a medicina e a hygiene para o Brasil. E as sorpresas se succedem. Do indistincto dos rotulos clinicos tradicionaes a analyse dessa gloriosa pleiade de Manguinhos e dos que de longe ou de perto a acom-

panham no labor sagrado; dos melhores da nossa geração, como dos das gerações que a precederam, vae differenciando typos morbidos diversos.

O exemplo da doença de Carlos Chagas isolada da ganga de outras determinações morbidas com que se confundia, é sufficientemente demonstrativo.

Cesse o vosso temor, meus amigos. Não renovarei para vós, meus amados discipulos, o enfado das longas horas de aula de que *felizmente* vos libertastes, e de que já agora me recordo com saudades. Não sujeitarei tão pouco os vossos convidados, que aqui vieram trazer-vos o seu applauso, á pena de ouvir um extenso rol de nomes arrevesados, memorando problemas medicos a desafiar vossa curiosidade e vossa intelligencia.

Quando se parecem os que assim abusam desses momentos e da facil suggestibilidade do auditorio profano, para exteriorizar em copiosas e facundas dissertações os prodigios do seu saber, áquella conhecida personagem de Molière, Esganarello, que, depois de convencida da ignorancia, em latim, dos circumstantes, num grande allivio, consolida a sua reputação scentifica abalada, *despejando um caudal* de estapafurdios diagnosticos latinos. Perco prazeroso tão excellente occasião de elevar o conceito do meu saber na admiração dos que não entendem de nossa sciencia, já que me é vedado o direito de consegui-lo entre profissionaes. Apenas quero concitar-vos a persistirdes naquella mesma orientação, de que advirão grandes proventos para a therapeutica e a prophylaxia das doenças tropicaes.

É de todas as democracias, melhor: é de todos os povos sómente perceber a utilidade das cousas pelos

resultados proximos, immediatos, que permitem a facil ligação da causa ao effeito. Porque os resultados immediatos da sciencia medica e, em especial, da prophylaxia, para o bem estar commum, accessiveis á percepção menos agudas e adextradas, não são mui numerosos, o nosso povo, em geral, não acredita na nossa sciencia.

Desgraçadamente a sciencia vale no Brasil como um ornamento, um luxo, uma elegancia, uma mania que se perdôa. Ser sabio é ter uma virtude cuja utilidade pratica ninguém enxerga. A sciencia não goza entre nós do prestigio que a exalta em todos os meios, nem mesmo a anima sempre o carinho respeitoso e a veneração que a cercam em toda a parte.

Todos desejam theoreticamente as solidas virtudes que na industria e no commercio se cultivam. E a medicina não confere taes qualidades praticas. Aquelles que a exercem ou estudam são considerados como pobres mortaes despídos de qualquer vislumbre de senso pratico e que se comprazem em aturdir o espirito num amontoado de noções inapplicaveis á realidade da vida. Sua existencia se resume num curioso epicurismo: na voluptuosidade subtil das bôas leituras, na satisfação morbida de resolver problemas transcendentaes que não fazem progredir a civilisação material, no prazer anormal de colleccionar factos e objectos, que os homens praticos—essas solidas e compactas columnas da sociedade—desprezam por inuteis.

Poucos acreditarão que se estude e se trabalhe pelo sagrado amor da sciencia, desinteressado e simples, e pela absorvente preocupação da verdade. Poucos conceberão haja qualquer utilidade pratica em semelhante

esforço. Quem estuda e quem trabalha entre nós, deve fazê-lo pelo gozo de apparecer e pelo prazer de ser applaudido. Se assim não fôr, é mister recorrer para explicar a preocupação do estudo e da vida de laboratório e de sciencia aos morbidos desvios da intelligencia, aos meandros complicados da loucura.

Mas, se uma propaganda tenacissima, pelos factos, convencer das vantagens enormes que se auferem da sciencia medica, capaz de salvar o precioso capital de vidas que possuímos, e concorrer para o engrandecimento real de nossa terra, não só a utilidade de nossa profissão atrahirá manifestamente o auxilio e o cuidado dos homens praticos, mas ainda a nossa sciencia, valorizada pelos resultados sensiveis dos novos descobrimentos therapeuticos e prophylacticos que della surgirem, logrará conceito muito mais justo e muito mais elevado. É uma propaganda para a qual eu vos concito.

O simples exame, muito pela rama, dos serviços que presta a nossa profissão, convence aos seus mais irreductiveis adversarios de que ella é para o nosso paiz não somente da maior utilidade pratica, como principalmente da mais opportuna utilidade.

Talvez por vicio original, talvez por cegueira psychica, ou por morbida ataraxia, talvez porque tambem pertenco ao mandarinato, seja porque fôr, o facto é que ainda até hoje me não convenci de que «as levas annuaes de doutores» fossem um mal para o nosso paiz.

Merece bem as sympathias melhores, os cuidados constantes, os extremos carinhosos, a dedicação illimitada, a solidariedade absoluta de todos os brasileiros, a propaganda muito salutar em favor do alevantamento

da agricultura desamparada, em prol das nossas indústrias apenas iniciadas, da intensificação, e do augmento do nosso commercio.

Mas para a victoria definitiva de tão util e patriótico movimento, não ha mister de destruir os creditos das profissões liberaes, de depreciá-las, abatê-las, humilha-las com ferocidade tamanha, attribuindo-lhes tantos males que nunca poderiam causar. Nem seria assim vencer.

.....que a victoria verdadeira.

É saber ter justiça núa e inteira

Se o doutorismo é um mal; certamente não é a causa, nem sequer uma das causas dos nossos males. Será apenas uma consequencia, um effeito e factores inevitaveis que residem na propria estrutura de nossa alma collectiva. Será o expoente de uma feição psychica que é muito nossa. Nada mais.

Podemos, meus jovens collegas, olhar activa e confiadamente para as demais formas de actividade social que se exercem no nosso paiz; nenhuma será mais util, nem mais opportuna.

Creio firmemente, com íntima convicção, na utilidade pratica, real, positiva, evidente, incontestavel da medicina e da hygiene, a que compete papel de assignado destaque no desenvolvimento nacional.

É, porque devemos ter fé no futuro da *terra-mater*, para cuja força e grandeza deve concorrer o vosso trabalho, a energia vencedora do vosso character, de vossa vontade, empenhemo-nos viva, decididamente para a realização dos sonhos mais formosos para o nosso fu-

turo, convencidos de que, em verdade, o progresso e a gloria das nações dependem principalmente da quantidade de vontades capazes que possuem.

«Não é a fatalidade que rege o mundo,» disse a analyse forte de Le Bon, «é a vontade dominadora.»

* * *

Percebo vossa fadiga. O tempo era demasiado para a vossa tolerancia e eu lhe estou sobejando a usar sem cortesia de vossa paciencia.

Não deveria prolongar vossa ansiedade; há corações que vos esperam e a que estou furtando, sem motivo plausivel, bellos momentos de justas effusões.

Pensei mesmo em poupar-vos á pena de me ouvirdes por tanto tempo. Para elevar-me á honra de vosso paranymphe não vistes em mim o mestre obscuro, nem o operario modesto da nossa Faculdade. Em mim vistes sómente um velho amigo: na vossa vigilia de armas sou a companhia de uma velha affeição.

Elevado a esta dignidade unicamente pelo affecto, sómente o meu coração devia fallar-vos. Mas as honras immerecidas perturbam, inebriam... e, quando mal me precatei, tinha feito um longo e fastidioso discurso.

Pois que as intenções eram bonissimas, perdoae-me.

Uma tradição multiseccular me faz neste momento o fiador de vossas virtudes, dos vossos meritos no symbolico inicio da vossa profissão. Sou tambem o representante de vossos novos companheiros, o portador de seus votos fraternaes. Trago-vos, al. m. disso, os

applausos com que os vossos mestres de hontem saudam a insigne victoria que conquistastes.

* * *

Vai para 14 annos. Sem as louçanias, sem a pompa de uma solennidade como esta, na modestia da triste e acanhada sala da antiga directoria da Faculdade, um grupo de moços recebia a investidura sagrada, que aqui se realiza. Eram moços como vós, as mesmas almas forradas do mesmo enthusiasmo e das mesmas aspirações.

Quantos sonhos triumphaes enriqueciam aquellas imaginações incantas! Que de ambições illuminavam aquellas vidas entreabertas ao calor da esperanza confiante! Que ansiedade de lutar, de ser util, de vencer! Que transbordamentos de energia se sentiam na vivacidade dos olhares que a emoção marejava. Era esse mesmo encanto, essa mesma alegria de uma formosa aurora como a que aqui vive e palpita.

O juramento que, há pouco, commovidamente, assisti, fomos recebê-lo daquelle maravilhoso espirito de tanto brilho, de tanto poder, que ainda é o exemplo da minha geração — Alfredo Britto. *Tanto nomini nullum par elogium.*

Ainda estou a ouvi-lo. Com a singeleza da phrase persuasiva, limpida como o sol, como a propria verdade, numa palestra amiga, o Mestre narrava as tristezas, as difficuldades, os obices innumeraveis, que torturam a vida do medico. A sua palavra prodigiosamente evocadora revivia, um por um, impressionantemente, os momentos mais amargos de sua vida profissional, as

horas cheias de tristura em que o seu proprio espirito de escol vacillára e soffrera. Com que saudade relembro aquella pagina flagrante de vida e de verdade em que se esteriotypava perfeita, nítida, a superioridade moral que deve possuir o medico, salteado pereunemente de desenganos, de desillusões, de ingratições sem termo.

Porque não vos confessar? Uma sombra de receio sopitou os estos de nossa alegria. A nevoa de uma duvida apagou, uma a uma, as linhas orgulhosas, onsadas dos formosissimos castellos que construíramos na imaginação movediça. De mim para mim, ao repetir as palavras desse expressivo juramento, a minha consciencia me interrogava se eu teria a força, a tempera d'alma inquebrantavel para viver a minha arte na belleza de sua significação moral elevadissima, a exigir o abjurar de todas as ambições pelo alto, pelo magnífico desejo de abnegação e sacrificio. E quando mais meu espirito vacillava deante da incerteza torturante, de labios amigos, muito amigos, dos mais amigos que na vida tive, ouvi o conforto de um conselho, de um voto, ungião de uma intensa f. religiosa, cuja grandeza bem avalio: «Deus permitta a ventura de seres sempre digno da profissão que abraçaste».

Depois... a vida nos atirou por ahí ~~em~~. A morte dizimou o grupo amigo.

O tempo passou. Com elle os sonhos, as aspirações tambem passaram. E tudo se diluiu, se desfez. Resta apenas o murmurio tímido de minha saudade, que não cansa, que não morre.

Mas hoje como hontem, nas horas prosperas ou adversas, aquelle conselho me não abandona; é o talisman precioso que me retempera e guarece.

Eu vos devia meus votos e meus conselhos melhores. Nenhum melhor encontrei para dar-vos.

Não vos desejarei os favores da fortuna incerta; não se comparam á serena claridade das almas limpas e honestas.

Não vos desejarei o dominio dos homens. Caminhar, vencer na vida é semear odios; a gratidão é ephemera, mas o odio é duradoiro.

Só uma felicidade quero para vós e vol-a desejo com o mesmo intenso querer, com a mesma ardente esperança, com a mesma profunda confiança do coração de um pai.

Uma consciencia pura e sã, sem odios e sem remorsos, illuminada por um entranhado amor á verdade e por uma convicção profunda da incontestavel superioridade moral da nossa profissão e fortalecida por uma immensa piedade pelas fraquezas alheias, por um soberano desprezo e por um perdão sem limites para a maldade dos homens.

Então, clara a alma, limpa e sã, tereis a sensação deliciosa de caminhares na vida moralmente isolados, por entre a multidão, que vos não comprehende, que vos tenta ferir, mas vos não attinge, na companhia amiga de vosso sonho e da vossa consciencia serena. Nessa atmosphera de solidão e de recolhimento fructificarão melhor as obras de vosso coração e de vossa intelligencia e conseguireis o destemor para arrostar

a luta aspera em que a vossa alma estraçoada há de assignalar, sangrando, os marcos da jornada.

Num seculo de utilitarismo, em que as mais delicadas questões da ethica profissional se resolvem em compensações monetarias, em que a profissão medica já é procurada pelos lucros materiaes que permite, que bello exemplo dareis, entendendo-a como a quiz Hippocrates no conselho que vos relembro: — «Conservai pura a vossa vida e a vossa arte».

Sereis felizes, muito felizes!

Uma imperecivel alegria interior será sempre convosco e jorrará de vossos corações, quer vos exalte a fortuna, quer vos atormente a desdita.

Na vossa alma haverá um supremo ideal, cada vez mais forte, mais alto, mais enthuasticamente amado. Norteai por elle toda a vossa vida, e o destino vos concederá a felicidade de serdes sempre dignos da nobilissima profissão que abraçastes.

ERRATA: — Assim deve ser lido o seguinte periodo já publicado, a pagina 328.

—E, porque propor a censura sem alvitrar o correctivo adequado será quasi uma covardia, brademos pela necessidade de melhorar o ensino superior, dando-lhe feição ainda mais pratica e em taes moldes, que nelle se ultime, sem difficuldades, a instrucção, a habilitação profissional, completa dos que o procuram.

Laudo de pericia medica

Havendo accetado o convite, do juiz da vara civil, para funcionarmos como peritos no caso do menor Francisco Vidal Pombo, atropellado por um bond da Circular, á rua da Victoria, fomos intimados a examinal-o a 16 de Setembro deste mesmo anno, o que se realizou no cartorio do Escrivão Falcão, sito á ladeira da Praça, ás 2 1/2 horas da tarde.

Praticado o exame clinico debaixo de todas as condições exigidas pela propedeutica moderna, desde a anamnese até as minudentes particularidades, chegamos á convicção, sob o ponto de vista do exame geral, de que o referido menor não apresenta nenhuma falha na sua integridade organica e funcional, apenas sendo notado um pequeno reforço das bulhas cardiacas, de character inteiramente provisorio, se se attender a que a perda de toda a circulação de um membro eliminado ha-de, fatalmente, repercutir por hypertensão de desequilíbrio funcional sobre a circulação geral, maxime o seu centro, até que, por adaptação, se refaça, de todo, o equilibrio parcialmente attingido.

Localmente, concluimos por uma desarticulação completa do membro superior esquerdo, com o processo de cicatrização post-operatorio quasi terminado, sendo que toda a região peri-escapular reagia ao nosso exame por uma ainda bem accusada hypersensibilidade, muito natural, aliás, se levarmos em consideração o pequeno espaço de tempo que separou a data do nosso

exame pericial da do accidente traumatico soffrido pelo já citado menor.

Terminada nossa missão, no momento, foram-nos distribuidos os seguintes quesitos, para cuja solução nos foi fixado o prazo de quinze dias, por mais seis prorogado, que hoje termina. Abaixo transcrevemos todo o questionario que nos foi formulado e cuja resposta, separadamente a cada um dos quesitos, será precedida de larga e positiva documentação, base de nossas conclusões scientificas :

1.º

«Qual o valor do corpo humano ?

2.º

Qual o criterio para se dar esse valor ?

3.º

A perda de um membro, isoladamente, deve exigir o mesmo criterio para se calcular o dito valor ?

4.º

Pode um clinico avaliar o damno soffrido por um individuo, sem conhecer suas condições personallissimas, anteriores ao desastre ?

5.º

Não devem variar as indemnizações dessa natureza, dadas as condições sociaes do individuo ?

6.º

Na pericia medica é elemento indispensavel indagar-se das condições sociaes do paciente para conhecer o damno, que, por ventura tenha soffrido em parte de seu corpo, ou essa pericia deve se cingir, exclusivamente, á verificação do organo lesado em suas relações com os demaes organos?

7.º

Sua profissão pôde ser excluida ou, ao contrario, será o unico elemento eficiente como base de uma provavel ou possivel indemnização?

8.º

No caso affirmativo, pode com plena certeza e convicção o perito medico investigar esse elemento, ou isso foge a sua competencia?

9.º

Está impossibilitado o menor Vidal Pombo de exercer a profissão de caixeiro de balcão de venda e entregador de pequenos embrulhos?

10.

Dadas as condições em que foi amputado o braço da victima, em consequencia de esmagamento produzido pelas rodas do bond, será possível a substituição do mesmo por articulações mecanicas?

11.

Sendo possível a substituição alludida no quesito anterior, semelhante trabalho pode ser feito em o nosso paiz?

12.

Possível a substituição do braço, mas dada a circumstancia de ter sido o mesmo retirado pela articulação, o braço artificial não virá diminuir mais ainda a aptidão, já muito deficiente por causa da mutilação soffrida, do menor para o trabalho?

13.

Sendo a victima pessoa que se dedicava ao commercio, a perda do braço impossibilita-a, actualmente e para o futuro, de continuar a exercer sua profissão, livremente, sem difficuldade de movimentos que embarace as multiplas funções necessarias á vida do commercio?

14.

A falta de braço esquerdo da victima trouxe-lhe serios prejuizos, tirando-lhe a destreza natural dos movimentos necessarios a sua completa adaptação á vida?

15.

Em quanto arbitram a indemnização devida pelo facto exclusivo da propria deformidade, produzida pelo

esmagamento, a qual o menor tem de supportar durante toda a sua vida?

16.

Finalmente, respondidos os quesitos acima, em quanto arbitram a indemnização que deve receber o menor em questão, dado o principio, de consagração universal de que a indemnização, em taes casos, deve ser a mais completa?»

* * *

Attendendo ao fim concreto de todo este questionario, a resposta ao primeiro quesito importa numa resposta collectiva aos demais, que não passam, por sua vez, de um desdobramento da these inicial: «qual o valor do corpo humano».

Sob o mesmo ponto de vista, deixamos á margem os diversos aspectos porque pode ser encarado o assumpto, para só levarmos em conta o criterio economico, unico compativel com o caso em questão.

Temos, pois, a Medicina face a face da Economia Publica. Considerado o corpo humano um capital, cuja renda é representada pela profissão do individuo, somos forçados a medir o valor estatico do corpo humano pela força dinamica de sua produção útil, isto é, somos forçados a avaliar, sob a preliminar do ponto de vista economico, o capital que o corpo humano representa pela renda em que sua profissão o positiva.

Assim, estabelecendo-se uma equação, em que o

valor economico da vida humana é igual a seu custo de producção, podemos chegar a medias resultantes das relações entre a extensão territorial e a população de um mesmo paiz, sem desprezar, entretanto, as naturaes oscillações em torno de cada caso, considerado isoladamente, como sejam o gráo de cultura, o desenvolvimento intellectual, a educação e o ambiente moral do individuo.

Em que pezem estas considerações, o criterio da profissão é, entretanto, o unico basico para a avaliação economica da vida humana.

Na Italia, Raseri conseguiu obter medias approximativas do valor economico da vida, tanto na população rural como na urbana, considerada *unidade de consumo*, até a idade de 26 annos. Obtidas as medias parciaes relativas á vida do homem do campo como a do das cidades, chegou, em conclusão, a uma média geral italiana, que, applicada ao caso particular de Francisco Vidal Pombo, seria, de accordo com a *Taboa 1*, que Di Vestea reproduz no seu «Tratado de Hygiene», estimada em 3.353 liras, correspondentes a seus 16 annos de idade, ou em 2:340\$335, calculando-se em nossa moeda e valorizada a lira a 695 rs. pelo cambio da hora. É assim seria se se tratasse de um caso de *incapacidade permanente total*, o que absolutamente não se verifica no menino Francisco Pombo, como demonstraremos opportunamente.

Mas, bem sabemos que o valor economico do braço humano na Italia, onde ha excesso de braços, não pode, pelas razões mesmas da diversidade, relativa e absoluta, da extensão territorial e da população dos

dois países, servir de criterio á avaliação economica do braço humano no Brasil, onde ha falta delles. Por isso, só trouxemos para aqui o valor economico da media nacional italiana como elemento de argumentação, como ponto de reparo apenas, nunca no caracter de conclusão para o nosso caso.

No caso do menor Francisco Pombo trata-se, evidentemente, de uma *incapacidade parcial e permanente; ipso facto*, trata-se de uma avaliação no mesmo genero e caso.

Que a incapacidade é parcial a evidencia nolo mostra, porquanto ha perda do membro superior esquerdo, apenas. Que é permanente tambem não merece contestação, se se attender a que se trata de uma *desarticulação* e não de uma simples amputação.

Máo grado os phantasticos progressos da cirurgia de reconstituição nos dias que correm, no momento postos em relevo pela urgencia quasi inconcebivel do numero de mutilados, a exigirem, por milhares, reparos profundos aos effeitos alarmantes e deformadores dos monstruosos meios de destruição desta guerra unica — máo grado o poder reconstituidor da medicina actual, culminado de praticas mais recentes, que, neste mesmo momento, devem estar se realizando nos próprios campos de batalha e nos abrigos abençoados das Cruz Vermelha, nesta Europa, hoje, toda ella, hospital immenso e immenso tumulo; apezar de tudo, a reconstituição de um membro do corpo humano se torna impraticavel, toda vez que lhe preceda a desarticulação, como se pode verificar, á evidencia, no caracter de ultima palavra sobre o assumpto por ser

documento de grande auctoridade e da maior actualidade possível, pela leitura de um excellente e opportunissimo artigo do Dr. Boureau, sob o titulo «Braços de trabalho e mãos de trabalho para amputados», publicado nos «Annaes de Hygiene publica e Medicina legal», do mez que acaba de passar, quando diz, a pag. 95, no capitulo sobre «As condições que deve preencher um couto para utilizar um braço de trabalho», *que se não tem direito a illusões para com certos mutilados, que, como os* DESARTICULADOS, *não podem receber um braço de trabalho.*

Estabelecida, portanto, a preliminar, evidente por si mesma, de se tratar de um caso, como é o que nos occupa neste momento, de *incapacidade parcial permanente*, cabe-nos o dever, imposto pelas circumstancias e condições diversas que nos dictarão, bem proximas, as mais positivas conclusões, de documentar as bases de uma avaliação economica correspondente.

Passando em revista as médias economicas, reveladas nas estatisticas das principaes nações do mundo, como a França, a Inglaterra, a Russia, a Allemanha, a Austria, a Belgica e a Suissa, principaes sob o ponto de vista de sua evolução scientifica e social, chega-se a um resultado de generalização, em que as avaliações se estipulam por uma determinada porcentagem sobre a renda annual do individuo incapacitado. Quando *total e permanente*, o calculo é absoluto, isto é, de cento por cento; quando não, e é esse o nosso caso, a avaliação faz-se pelo ponto de reparo do prejuizo que o capital, isto é, o individuo parcialmente incapacitado, soffre no seu valor geral.

Ora, tendo sido o menor Francisco Pombo inutilizado *parcialmente* em sua *capacidade total* pela perda, por desarticulação, de seu membro superior *esquerdo*, claro que a indemnização a lhe ser conferida tem de ser forçosamente avaliada sob tal ponto de vista, isto é, o da perda de seu braço esquerdo. Assim, tirando-se uma média geral de todas as médias observadas nas pericias medicas dos paizes ha poucos citados, impõe-se-nos a conclusão de que o referido menor deve ser indemnizado com 65 % de sua renda annual. Queremos dizer, pois, que o capital, que o corpo humano de Francisco Pombo representa, soffreu um prejuizo correspondente a 65 % de sua renda annual, por sua vez representada pelo custo de sua produção, de sua profissão portanto, dentro de cujos limites tem de ser rigorosa e escrupulosamente avaliada sua indemnização.

Como, porém, não se trata, no caso, de uma simples amputação, o que lhe permittiria como já demonstramos largamente, sua reconstituição quasi total pela collocação de um braço de pequeno trabalho e *passivo*, por ser esquerdo, mas de uma completa desarticulação, pensamos resolutamente com aquelles que acham racional addicionar á média de 65 %, estabelecida por Bronardel para a perda do braço esquerdo, mais 10 %, em vista das razões que acabamos de ponderar, tornando-se, assim, de 75 % a média sobre a renda annual que lhe dá sua profissão de *caixeiro de balcão de venda e entregador de pequenos embrulhos*.

De accordo com o que nos foi informado pelo proprio Francisco Pombo e testemunhado por diversas pessoas de responsabilidade, a renda annual de sua profissão,

ha pouco referida, é representada pela quantia de trezentos mil réis (300\$000). Ora, a incapacidade parcial permanente do menor Pombo, que lhe tem permitido continuar a exercer os encargos da mesma profissão em que se occupava antes de tão lamentavel accidente, isto é, a de caixeiro de balcão de venda e entregador de pequenos embrulhos, tem de ser indemnizada sobre a base preestabelecida de 75 % sobre a annual de sua profissão, querendo-se attender, por renda natural espirito de humanidade, aos vexames moraes e padecimentos physicos por que tem passado o referido menor, desde o accidente até a operação e tratamento posterior, porquanto, como já tivemos occasião de notar, continúa elle no exercicio de sua antiga profissão.

Mesmo que o criterio da profissão seja bastante para a avaliação economica da vida de um homem e, particularmente, da perda do membro superior esquerdo, podemos, no nosso caso, abandonar sem receio os demais pontos de vista, porquanto Francisco Pombo é quasi analphabeto, mal assigna o proprio nome, apenas provido, portanto, de rudimentarissima instrucção.

Assim, estabelecida a porcentagem de 75 % sobre a renda annual de 300\$000, conclue-se arithmeticamente que o menor em questão tem direito a uma indemnização annual de 225\$000, que, durante cinco annos, attinge o valor total de 1:125\$000. Máo grado a insufficiencia de preparo para vencer na lucta pela vida, nivel de mentalidade muito baixo, instrucção quasi nulla, podemos admittir que, depois deste pri-

meiro lustro, o menor Pombo ganharia uma renda dupla, isto é, 600\$000 por anno, o que importa, sempre com a base de 75 % sobre a renda annual, numa indemnização correspondente a 450\$000 por anno.

Ora, como a média da vida humana no nosso meio, sob as condições climatericas dos tropicos, é limitada a um prazo de 40 a 50 annos, vamos admittir que Francisco Pombo, apesar de nascido e vivido até os 15 annos no sul da Europa, atinja a media maxima da vida, isto é, 50 annos. Assim, idoso elle, agora de 16 annos, passado o primeiro lustro, terá 21 e, portanto, terá direito, dentro deste prazo, a uma indemnização annual de 225\$000 e total de 1:125\$000; nos 29 annos que constituem o intervallo de 21 a 50, terá elle direito a uma indemnização annual de 450\$000 e total de 13:050\$000, isto é, um total geral de 14:175\$000.

Dest'arte, damos por concluída nossa missão profissional neste caso, pensando haver chegado a um resultado tão scientifico quanto possivel a questões dessa natureza. Seguindo, entretanto o systema francês de indemnização, talvez unico dentre os seguidos nos demaes paizes de importancia, concluímos tambem que, para evitar o recebimento, por parte de um menor, de um inexperiente emfim, de uma quantia de grande vulto relativamente a seu salario habitual, que o poderá levar, como a experiência ha fartamente demonstrado, ao alcoolismo, ao crime e ao despeito social depois de exgottada a quantia recebida e, de todo, afogado na miseria — concluímos que estes 14:175\$000, que arbitramos como indemnização em

favor do menor Francisco Pombo, devem ser pagos, durante os primeiros cinco annos, em prestações trimestraes de 56\$250 e, durante os 29 annos até o limite maximo de 50, em prestações tambem trimestraes de 112\$500.

Feitas estas considerações preliminares, que, por si sós, occupam todo o assumpto, desde a primeira até a ultima indagação do questionario, passamos a responder, ponto por ponto, a cada um dos quesitos formulados :

Resposta ao 1.º quesito:

Está de todo e largamente incluída nas considerações anteriores.

Idem ao 2.º

No caso particular, que nos occupa, o criterio economico, evidentemente.

Idem ao 3.º

Claro que sim.

Idem ao 4.º

Não.

Idem ao 5.º

Sim, embóra, como já ficou fartamente demonstrado em argumentos precedentes, o criterio da renda annual da profissão seja o basico para a avaliação das indemnizações dessa natureza.

Idem ao 6.º

Prejudicada a resposta pelos argumentos já expostos anteriormente.

Idem ao 7.º

Igualmente prejudicada.

Idem ao 8.º

Já foi feita affirmativamente e longamente fundamentada.

Idem ao 9.º

Não, de accordo com a argumentação adduzida e dentro de naturaes restricções, já discutidas.

Idem ao 10.

Não, por se tratar de uma desarticulação, segundonossa documentação anterior.

Idem ao 11.

Prejudicada.

Idem ao 12.

Igualmente prejudicada.

Idem ao 13.

Não impossibilita, levando-se em consideração as naturaes retricções, peculiares ao nosso caso particular, anteriormente argumentadas.

Idem ao 14.

Trouxe-lhe os prejuizos parciaes correspondentes a sua *incapacidade parcial permanente*

Idem ao 15.

Em 14:175\$000, de accordo com as bases scientificas largamente documentadas no laudo, e pagos pela forma scientificamente indicada.

Idem ao 16.

Prejudicada pela resposta ao quesito anterior, em

que a indemnização foi calculada pela base mathematica de principios scientificos universaes.

Bahia, 6 de Outubro de 1716

PROF. DR. ALVARO CAMPOS DE CARVALHO

LIVROS NOVOS

*Contribuição para o estudo do Esplenomegaloptose Pa-
lustre e seu tratamento pela esplenectomia*

PELO PROF. J. ADEODATO

Cathedratico da Faculdade de Medicina da Bahia

Ao Congresso Medico Paulista, reunido em Dezembro de 1916, em S. Paulo, o illustre professor J. Adeodato levou a interessante memoria acima titulada, fructo dos seus labores de habil e operoso cirurgião, documentando-a de interessantes observações que lhe inspiraram as seguintes conclusões:

I

A esplenomegaloptose de sede sub-umbilical e muitas veses de difficil diagnostico, podendo ser facilmente confundida com um tumor pelvico.

II

As relações anormaes do baço com os organs pelvicos e a evolução insolita do processo morbido criam serios embaraços ao diagnostico.

III

Os signaes constituídos pela forma caracteristica do baço, pela falta de macicez na região esplenica e pela ausencia da connexão do tumor com os organs genitales interiores são falliveis e perdem o valor si considerados isoladamente.

O conhecimento de casos semelhantes, *fazendo pensar na hypothese*, orienta o diagnostico.

V

A cuidadosa inquirição anamnesticã e a demorada observação da doente, quando possível, prestam relevante contingente no mesmo sentido.

VI

A esplenectomia tem sido muitas vezes praticada impremeditadamente em casos de falta ou erro de diagnostico.

VII

A esplenectomia na esplenomegaloptose palustre é uma operação benigna.

VIII

A esplenectomia cura certamente as perturbações estaticas ou dynamicas produzidas pelo deslocamento e augmento de volume do baço.

IX

Não se pode contar, como de regra com a cura do paludismo chronico, após a extirpação do baço.

X

Condições particulares de defeza organica parecem influir sobre as probabilidades de cura e devem ser devidamente pesquisadas e estudadas a luz das observações clinicas, para dahi se deduzir mais precisamente as indicações da esplenectomia no tratamento do paludismo chronico.

* * *

A «Gazeta Medica» agradece ao A. a offerta de seu interessante trabalho.